

Joé Manuel de Barros Dias

A visão política de Teixeira de Pascoaes

José Manuel de Barros Dias – UFPR; ANQ – Portugal; UCP – Portugal; Universidade de Évora – Portugal
Doutor em Filosofia – Universidade de Évora – Portugal
Fone: 00351964264551
E-mail: barros.dias@hotmail.com

Data de recepção: 18/02/2011
Data de aprovação: 18/10/2011

Resumo: O presente artigo pretende analisar a singularidade das reflexões de Teixeira de Pascoaes acerca de Portugal e do seu futuro, tendo por marco norteador a I República Portuguesa (1910-1926). Pascoaes projetou a doutrinação da Saudade no porvir, num entendimento ímpar no seio da Filosofia Portuguesa.

Palavras-chave: Teixeira de Pascoaes – I República – Portugal – Sebastianismo – Saudosismo



Introdução

Teixeira de Pascoaes – pseudônimo literário de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (Amarante, 2 de Novembro de 1877 – S. João de Gatão, 14 de Dezembro de 1952) – não se identificou, ao longo da vida, com o tempo e a civilização que lhe foram dados viver.

Doutrinário de Portugal, Pascoaes não esmoreceu no propósito de, desde a assunção de um *kulturkampf* de feição espiritualista, contribuir para um presente/futuro nacional qualitativamente melhor tanto para o seu tempo, quanto para o futuro.

Foi numa época de fortes convulsões sócio-político-económicas, decorrentes do *Ultimatum* inglês, apresentado em 1890 que, em 1910, foi instaurada em Portugal a I República: ela seria, ao longo da sua conturbada existência, dominada pelo racionalismo, o positivismo e o messianismo pátrio (cf. DOMINGUES, 1990, p. 479-480ss). Será no âmbito da sociedade cultural Renascença Portuguesa que Pascoaes levará a bom porto uma parte significativa da sua reflexão crítica acerca de Portugal; após o afastamento voluntário da direcção literária da revista *A Águia*, em 1917, o poeta prosseguirá, como um fala-só, o seu percurso de poeta da Saudade.

Ao longo das páginas que se seguem, procuraremos intuir o sentido profundo da hermenêutica de Portugal: Teixeira de Pascoaes convida-nos à realização de um itinerário futurante. Na verdade, para o nosso autor, “salvamo-nos em esperança ou em lembrança, que a lembrança também incide sobre o futuro na poesia camonianina. E que é a lembrança incidindo sobre o passado e o futuro? É a alma lusíada, a Saudade” (PASCOAES, 1954, p. 41).

1. Caracterização da essencialidade portuguesa

O problema da identidade nacional, em Teixeira de Pascoaes, tem como referências críticas os autores do romantismo, da Geração de 70 e da Geração de 90. Sem se dedicar à temática que ocuparia alguma da *intelligentzia* portuguesa ao longo do século XX – há Portugal, mas não há portugueses (José de Almada Negreiros); há portugueses, mas não há Portugal (Agostinho da Silva) – Pascoaes defende, determinante e decisivamente, tanto Portugal, quanto os portugueses, assumidos como elementos de uma díade simultaneamente especulativa e cívica.

Ao escrever sobre a imanência cultural que, de há séculos, vem informando Portugal, Pascoaes declara que, neste país, se conseguiu alcançar a conjugação perfeita de dois elementos: o ária e o semita (cf. PASCOAES, 1912c, p. 8), facto que permitiu a existência de um sentimento na alma pátria “que a abrange toda e é a sua mesma essência” (*idem*, p. 9). Este sentimento nasceu do “casamento do Paganismo greco-romano com o Cristianismo judaico, o qual tomou na nossa lingua uma forma verbal sem equivalente nas outras linguas” (*idem*). É assim que “o Povo português criou a Saudade, porque é a unica síntese perfeita do sangue ariano e do semita” (*idem*, p. 10), aos quais se junta, com D. Dinis, o elemento provençal¹⁵.

15 – “É certo que já no *período dionisiano*, nome derivado de D. Dinis, este sentimento saudoso se anuncia nos cantares de amigo, através da influência provençal. Este sentimento deu logo ao nosso Lirismo uma feição própria que, nas mãos do tempo, esse grande escultor das coisas eternas, se foi pronunciando e definindo, a par da Linguagem, cada vez mais bela e independente” (PASCOAES, *Livro de Memórias, in Obras Completas*, Amadora: Bertrand, s.

Sublinhe-se que a língua é um elemento fundamental para a determinação das características diferenciadoras de um povo em relação a qualquer outro. Segundo Pascoaes uma língua será tanto mais rica quanto mais palavras intraduzíveis tiver. O idioma falado e escrito por um povo mostra a sua capacidade para dar uma “forma verbal aos seus sentimentos e pensamentos” (PASCOAES, 1920, p. 25) e é aquilo “que melhor revela o seu poder de caracter, de raça” (*idem*). Neste sentido, a língua portuguesa “é muito rica em palavras d’esta natureza, nas quaes verdadeiramente se prescrua o *seu genio inconfundivel*” (*idem*, p. 25-26).

Pascoaes estabelece, n’*O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, os períodos da saudade¹⁶, e n’*Os Poetas Lusíadas* divide a História de Portugal em grandes períodos, na perspectiva de uma *história poética*¹⁷. No seio das palavras que a história portuguesa

d., Vol. VII, p. 274).

Doravante citaremos as *Obras Completas* acima referidas por intermédio da sigla OC, seguida da indicação do Volume em caracteres romanos. 16 – 1.º Período: o quinhentista e o camoneano; 2.º Período: o da decadência; 3.º Período: o actual.

Em síntese, Pascoaes diz-nos que “a *Saudade procurou-se* no periodo quinhentista, sebastianizou-se no periodo da decadencia, e encontrou-se no periodo actual.”

O próprio autor reconhece que “antigos escritôres foram já impressionados pelo alto e grande sentido da Saudade, agora plenamente revelado, o que mais confirma a verdade da minha tese. E entre eles, ha dois que se destacam: Duarte Nunes de Leão e o rei D. Duarte.

17 – N’*Os Poetas Lusíadas* temos os seguintes períodos da história de Portugal: 1.º – Período rural ou dionisiano: dos primórdios da nacionalidade ao reinado de D. Dinis; 2.º – Período marítimo ou henriquino: corresponde à expansão, iniciada em 1415; 3.º – Período sebastianista: desabrocha com a morte de D. Sebastião, e desenvolve-se após este acontecimento; 4.º – Período político: segunda metade do século XIX; 5.º – Período neo-sebastianista: correspon-

possibilitou que se moldassem à feição do sentir dos portugueses, há uma que sobressai: saudade. Para o autor, ela é formada dualmente, de “desejo e lembrança, conforme Duarte Nunes de Leão” (*idem*, p. 98); de “gosto e amargura, segundo Garrett” (*idem*). As obras em que estes autores conceptualizam a saudade devem ser postas em evidência: trata-se, respectivamente, da *Origem da Língua Portuguesa* e de *Camões*. Cabe anotar a preferência de Pascoaes pela definição de saudade dada por Duarte Nunes de Leão, em detrimento da de Almeida Garrett. O mentor do saudosismo escreve que o autor eborense, na sua definição de saudade, “(superior á de Garrett) teve talvez a intuição do seu verdadeiro e profundo significado. Diz ele: ‘Saudade é lembrança de alguma cousa com desejo dela’. Nesta definição já se encontram reunidos o desejo e a lembrança, isto é, o espirito e o corpo, Christianismo e Paganismo, ao passo que a definição de Garrett (gosto amargo ou delicioso pungir) dá apenas a fusão dos contrastes: dôr e alegria” (PASCOAES, 1912c, p. 13). A definição do autor de *Camões* “é mais restricta, não deixa perceber, como a de Duarte Nunes de Leão, o seu grande alcance religioso, artistico, filosofico e social” (*idem*).

O que é, para Pascoaes, a saudade? O autor diz-nos que “o desejo e a dôr fundidos n’um sentimento dão a Saudade” (*idem*, p. 10). No entender de Pascoaes, “a Dôr espiritualisa o Desejo, e o Desejo, por sua vez, materialisa a Dôr. O Desejo e a Dôr penetram-se mutuamente, animados da mesma força vital, de ao re-viver da alma saudosa lusitana, e ainda não findou (cf. PASCOAES, 1919, p. 21-24ss).

e precipitam-se depois n'um sentimento novo" (*idem*), a saudade.

A saudade, que "representa o sangue e a terra de que descende a nossa Raça" (PASCOAES, 1920, p. 99), ao incidir "sobre o futuro, é esperança ou desejo, como é lembrança quando incide sobre o passado" (PASCOAES, OC, VII, p. 270)¹⁸. N'A *Era Lusíada (Duas Conferências)* Pascoaes declara que "pela Lembrança conhecemos o que fomos e pelo Desejo presentimos o Futuro. Na Saudade, o passado e o porvir organizam-se em corpo de harmonia" (PASCOAES, 1914, p. 12), associação que lhe permite afirmar que "o novo Portugal surgirá do antigo, mais belo e perfeito, sem que um destrua ou contradiga o outro, de maneira a podermos contemplar em toda a sua perspectiva, a imagem dilatada já da nossa Patria" (*idem*, p. 12-13). O autor encara a saudade, não como gosto amargo de infelizes, mas no seu significado profundo e verdadeiro¹⁹. A saudade divide-se em dois períodos. O primeiro período "foi o *instinctivo e activo*; produziu Camões e Bernardim, Vasco da Gama e Albuquerque" (PASCOAES, 1912b, p. 33). O segundo período, "o actual, é o período

18 — O autor dissera, no Regresso ao Paraíso:

"A esperança é saudade do futuro,

A saudade é esperança no passado" (PASCOAES, OC, IV, p. 121).

19 — "A Saudade é o proprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia, a emoção reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e ceu, atinge a sua unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essencia religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedotico de simples *gosto amargo de infelizes*" (PASCOAES, 1912a, p. 2).

consciente e contemplativo, em que, por assim dizer, a alma portuguesa abre, pela primeira vez, os olhos sobre si própria; e está produzindo a mais admirável das gerações poéticas” (*idem*). O segundo período da saudade prenuncia o seu terceiro período, aquele “que será o período consciente e activo, por isso mesmo que o sonho precede a acção” (*idem*, p. 34).

O culto da saudade terá expressão no saudosismo. Para Pascoaes, “a palavra Saudosismo nasceu espontaneamente da palavra Saudade, como Christianismo da palavra Christo, Simbolismo da palavra Simbolo, Tolstoísmo de Tolstoï etc.” (PASCOAES, 1913, p. 19, n.1). Pascoaes diz mesmo que “o crêdo religioso, filosófico e poético contido na Saudade não podia ser expresso por outra palavra” (*idem*). Partindo do princípio de que “a Saudade é o próprio Verbo divino oculto na alma lusitana, e o Saudosismo aparece, para além do Paganismo e do Christianismo, como figura original e una (*sic*) daquelas duas imagens religiosas que presidiram até hoje às grandes civilizações do mundo” (PASCOAES, 1914, p. 39), Pascoaes reclama que “o Saudosismo vê Deus além do homem. O Deus saudosista é a sombra espiritual, eterna, projectada pelo Universo doloroso e material, resumido, em vida e consciência, na Criatura humana” (PASCOAES, 1913, p. 35).

2. Portugal, hoje: o sentido profundo do Sebastianismo

Após a implantação da I República colocava-se em todo o seu dramatismo uma pergunta que inquietava aqueles que, aos níveis político, económico, social e mental, se preocupavam com

a re-construção do país: onde podia Portugal ganhar alento para a obra que tinha em mãos²⁰?

Apesar de Pascoaes considerar que “ser português é também uma arte, e uma arte de grande alcance nacional” (PASCOAES, 1920, p. 17), o autor não ignora que, na actualidade, “sômos um Povo divinamente estúpido, a quem a bacharelize roubou a divindade, deixando-lhe a estupidez” (PASCOAES, 1919, p. 291, n. 2), pois, “em Portugal, ha meia duzia de almas sublimes e o analfabeto labrosta das Cantigas. O mais é cisco de sciencia e literatura varrido das estantes parisienses” (*idem*). No país que, nos tempos de Camilo, via os “campónios enriquecidos no Brasil, de fato branco, chapéu de palha panamá, e enormes brilhantes nos dedos grossos e peludos... abades com três ninhadas de afilhados, políticos de cartola alta e mesuras para todos, negociantes moralistas e adiposos, comendadores, barões, viscondes e condes, reluzentes de intacto verniz... em primeira mão” (PAS-

20 – Esta questão é tanto mais pertinente quanto mais mergulhamos nos diferentes contornos daquela que foi a realidade dos dezasseis anos da República Portuguesa. Tendo em consideração o processo degenerativo que corria desde o Ultimatum inglês, e o conseqüente descrédito em que se encontrava afundada a dinastia bragantina, os doutrinários de inícios de século viram a sua acção dificultada por um conjunto adverso de factores: a clivagem Lisboa-Porto/campo e o peso excessivo da emigração; a debilidade do sector secundário, que fazia com que Portugal fosse em variados aspectos da economia, uma colónia de Inglaterra; os problemas relacionados com os transportes (sobretudo os ferroviários e os marítimos); a elevada taxa de analfabetismo – cerca de 75,1%, em 1910; o alheamento do “homem comum” em relação à questão cultural, todos estes problemas conduziã à formulação da interrogação fundamental: é este um país com sentido? (Cf. A. H. DE OLIVEIRA MARQUES, *História de Portugal*, 6. ed., Lisboa: Palas, 1981, Vol. III [Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias], p. 289-359).

COAES, 1942, p. 66-67), e que, modernamente, “é também um *chalet*, construído, com dinheiro do Brasil, sobre as ruínas dum castelo, à beira-mar” (PASCOAES, OC, X, p. 19), temos o público “*habitado a coisas más, artística, literária e politicamente falando*” (*idem*, p. 109).

Em contraponto com outros pensadores seus coevos, de que é exemplo maior António Sérgio (cf. SÉRGIO, 1977, p. 27-28), para Pascoaes, o sentido que o país pode e deve colher para o seu existir reside no passado, ou melhor, num período concreto do seu passado: é na aventura iniciada com as Descobertas, “que não fôram uma obra peninsular, mas exclusivamente portuguesa, filha da nossa iniciativa aventureira, do nosso poder de raça em actividade” (PASCOAES, 1920, p. 28), que se viu interrompida com a tragédia de Alcácer Quibir.

Num país que existia e vinha concretizando a sua essência desde a Lusitânia, depois de a sua raça ter vivido “como que latente e diluída nos outros povos da Iberia” (*idem*, p. 22), foi no norte de África que se deu o corte entre o prometido e o consumado, tendo Portugal visto morrer materialmente a sua grandeza “para resurgir em espirito” (*idem*, p. 145). Foi o evento trágico das plagas africanas que permitiu que “a saudade, com a sua face de desejo e esperança” (*idem*, p. 147), seja “a sombra do Encoberto amanhecida, dissipando o nevoeiro da lendaria manhã” (*idem*).

O *sebastianismo* pascoalino não pretende ancorar na contemplação expectante do passado e fazer, numa assunção do paradigma do eterno retorno grego, com que vivamos a vida

que outros viveram antes de nós, repetindo erros e caindo em azares já esquecidos pela história. Se, para o autor, a lembrança (princípio estático) é importante, a esperança (princípio dinâmico) é primordial para a fermentação da existência saudosa: “No Princípio era a Esperança. O seu vôo, atravez d’um espaço ideal, vae-se corporisando em lembrança, ao longo do espaço concreto. O Universo é uma especie de auto-escultura, em que a esperança fugitiva que o anima, se fixou em formas de lembrança” (*idem*, p. 148-149). N’O *Bailado*, o seu o autor equaciona a relação entre a lembrança e a esperança, ao escrever: “A lembrança vem do Macaco. A esperança vai para Deus” (PASCOAES, OC, VIII, p. 303). Já em *Napoleão* podemos ler que “o futuro está no passado e a esperança é mais vélha que a lembrança (...)” (PASCOAES, 1940, p. 35), apesar de o passado ser “um sonho vão da memória, um sonho composto de sensações evaporadas. E a sensação é já uma quimera, um fenómeno subjectivo, quer dizer, só para nós, que somos a ilusão personificada, ou, quando muito, uma realidade microscópica” (*idem*, p.163).

A saudade pascoalina é, com propriedade, a saudade do ainda não sido, do ainda não havido²¹, pois “o homem é, no fu-

21 – Ó meus irmãos, fugi
Ao encanto nocturno da Lembrança!
Velha bruxa esquelética e sòzinha,
Derrama a escuridade, e tem na voz
A magia da lua,
Que ergue, na sombra, o vulto dos fantasmas.
Os seus olhos de gelo petrificam
As almas e as transformam em estátuas
Da noite e da saudade,
Junto aos ermos sepulcros melancólicos

turo, embora esteja morto, no passado. O futuro é o campo da esperança; e, em esperança, é que Deus existe e a ressurreição e a salvação. O futuro é o reino de Deus” (PASCOAES, 1934, p. 312).

Em Pascoaes a *traditio* é o fundamento da revolutio, porque “as imagens de amanhã, quando se nos reflectem, na memória, são repentinas, e as de outrora permanecem, como instantes fixados ou parados. O dia de ontem é já uma cruz de mármore” (PASCOAES, 1940, p. 47). Sob o ponto de vista social e político, ao pressupor que não agimos a partir do nada, rumo ao nada, Pascoaes fundamenta o salto do presente para o futuro – ainda que este possa ser reactivo em relação àquilo que já foi²² –, a partir do passado²³. A *revolutio* de que Pascoaes fala será feita pelos portugueses do seu tempo e pelos portugueses do porvir, tendo por marco norteador o génio português manifestado aquando da

Onde uma jarra pobre que tombou

Entorna murchas flores.

Adorai a Esperança, a luz de Deus!

Arrebatados ide em seu etéreo

Deslumbramento alado e criador [...] (PASCOAES, Cânticos, OC, V, p. 215-216).

22 – O futuro é, em boa medida, indeterminação: “Que é o futuro? Um palco indeciso, onde a nossa alma, essa actriz, representa a comédia da esperança. Quando desce o pano [...]. E é ainda uma colecção de perguntas sem resposta” (PASCOAES, O Empecido. Novela, OC, XI, p. 65-66).

23 – “Há horas em que sentimos, na calma da tarde, o ciclone nocturno, e numa palavra balbuciada hoje o grito de amanhã. É que no momento presente há ainda futuro e já passado. Ésse momento somos nós, ébrios de lembrança e de esperança, de sombra e luz que se misturam, desenhando imagens antigas e vindouras, fantasmas que nos rodeiam e dirigem através do tempo. Sofremos o impulso do Destino” (PASCOAES, 1940, p. 204).

expansão marítima: “A Saudade, que chorou depois de Alcacer-Kibir e assistiu, negra de luto, às exequias nos Jeronymos, mostra agora, na alegria da sua revelação, o primeiro sorriso de esperança, porque ela, definindo-se, definiu também o nosso sonho nacional de Renascença, o alto destino impôsto a Portugal pela Tradição e pela Herança” (PASCOAES, 1920, p. 147).

Mercê da conjuntura política de aproximação intencional a Espanha, verificada no terceiro quartel do século XVI, Portugal vivia na ansiedade da sucessão régia, superada com o nascimento de D. Sebastião, *O Desejado*, que, depois de morto, deu origem a *O Encoberto*. É por intermédio da crença n’*O Encoberto* que, segundo Pascoaes, Portugal ressurgirá para concluir no plano espiritual a obra começada no plano material²⁴. O elogio ao *reimenino* fê-lo Pascoaes nas páginas d’*A Águia*, dedicando-o ao almirante Gago Coutinho. Reza assim (PASCOAES, 1922, OC, I., p. 198):

Ó meu rei de fantástica memória,
Passo a vida a rezar a tua história,
Tão verdadeira
E sobrenatural...
Eu rezo a tua infância aventureira,
Tua morte num trágico areal.

24 – “A Materia existe, o Espirito vive, porque viver é ser consciente; ou antes, o Espirito existe na Materia e a Materia vive no Espirito. Espirito e Materia são as duas faces do Enigma; a natureza inicial, diabolica, e a natureza divina e final. Transmutar o demoniaco em divino, eis o nosso ideal que consiste, no campo patriótico, em elevar o creador animal e individual a creatura espiritual: Família, Patria” (PASCOAES, 1920, p. 148-150).

Rezo a tua existência transcendente
Numa ilha de névoa, ao sol nascente,
Encantada nos longes da Natura...
E rezo a tua vinda anunciada,
Dentre as brumas daquela madrugada
Que virá dissipar a noite escura.

Os naturais de Portugal, “descobridores dos impérios marítimos europeus” (PLUMB *apud* BOXER, 1977, p. 17), mas também os seus paradoxais povoadores²⁵, concluirão aquilo que os antepassados iniciaram. Pascoaes não desdenhava da valia potencial dos seus concidadãos, pensando acicatar os portugueses de inícios do século XX em ordem à concretização de Portugal, aquém e além fronteiras territoriais, a partir do continente europeu.

3. Nação, política e futuro

Educador do povo, em sentido lato, pondo em prática a teorização brunina de demopedia²⁶, Pascoaes exerceu uma intensa actividade doutrinária, particularmente durante a primeira década da I República. Se a organização política da nação tinha de ser diferente, também a orientação teleológica da educação

25 – Segundo o primeiro censo geral das habitações do reino (1527-1531), mandado efectuar por D. João III, que inventariou em 280.528 os fogos existentes no país, Portugal contaria com uma população que oscilava entre o milhão e cem mil (quatro pessoas/fogo) e o milhão e os quatrocentos mil habitantes (cinco pessoas/fogo) (cf. GODINHO, 1975, p. 37-39).

26 – “Mas o que queremos, os democratas? E o que é democracia? Democracia disse o socialista Proudhon que era demopedia. De *dêmos*, povo; *kratos*, governo. De *dêmos*, povo; *paideia*, instrução, educação” (BRUNO, 1906, p. 402).

nacional tinha de ser outra, em ambos os casos, para aproximar de maneira afectiva e efectiva, Portugal dos portugueses. E se no campo da teorização política Pascoaes se afastou, tanto das correntes ideológicas conservadoras, como das inovadoras, para permanecer no Marão, no terreno educativo a sua obra conflui, em alguns aspectos, com a dos republicanos mais entusiastas que, apesar das intenções, ficou por levar à prática, mercê da turbulência sócio-política em que viveu a I República (SAMPAIO, 1975, p. 10-34).

Segundo Pascoaes os portugueses deveriam expressar-se politicamente por intermédio de formas nacionalizadoras de governação. É assim que o autor nos apresenta o poder municipal, destinado a implantar no país um modelo político genuinamente português, e não estrangeirista, como foi o constitucionalismo do século XIX, importado de França (PASCOAES, 1912c, p. 15), numa altura em que o país se encontrava francamente atrasado, em termos materiais²⁷.

A vida política portuguesa deveria orientar-se em torno dos Municípios. Ora, o que são os Municípios? Pascoaes esclarece-nos este aspecto do seu pensamento na *Arte de Ser Português*.

27 – Por alturas das guerras peninsulares “Lisboa é uma nódoa branca estagnada num País marasmático, todo passado remoto ou do tempo dos romanos: pontes, caminhos, lavoura, camponeses que se alimentam de couve galega, como de erva molar os bois, solares arruinados com fidalgos idiotas; e mais conventos no meio de terras férteis ou poeticamente situados, em altos miradouros; e, junto das grades, uma chusma de mendigos e mendigas, cobertos de farrapos e piolhos, devorando os sobejos da tremenda, êsse leitão assado do tamanho dum elefante” (PASCOAES, 1940, p. 196).

Eles são “um certo numero de familias casadas pela paisagem, por alguns laços de sangue e ainda por interesses economicos e uma tradição historica e religiosa” (PASCOAES, 1920, p. 63). Os Municípios pascoalinos, autênticas famílias de famílias, seriam “o ponto de contacto entre a Familia e a Patria” (*idem*, p. 59), e a fonte de onde emanaria o Estado. É nos concelhos, sobretudo naqueles que são verdadeiramente caracterizados, como o de Amarante, que têm uma tradição, simultaneamente religiosa e histórica (*idem*, p. 64)²⁸, que o munícipe deve “conhecer a historia do seu Municipio, estudando o que ele foi no Passado, as suas características especiaes na economia, na linguagem, na paisagem, etc., para melhor compreender as suas aspirações de progresso” (*idem*, p. 64).

A inspiração para o modelo municipalista pascoalino é colhida na monarquia, mais concretamente naquela que é anterior e concomitante à protagonizada pela Casa de Borgonha. Hoje, é necessário que “o povo, antes de tudo, viva, trabalhe, e se liberte dos que servem de intermediarios entre ele, o poder divino e o profano. É preciso que ele viva economica e politicamente. É preciso que ele aperfeiçoe e robusteça o corpo e a alma, limpando-se dos rebentos damnhinhos que lhe sugam a seiva e o vigor” (PASCOAES, 1914, p. 23). É necessário, em suma, um português que seja um participante activo, mas sobretudo livre, na vida do

28 – O concelho de Amarante, diz-nos Pascoaes, “tem a sua tradição religiosa em S. Gonçalo e a sua tradição historica na defeza da ponte contra os francezes” (PASCOAES, 1920, p. 64).

seu país²⁹. Para Pascoaes, Portugal “seria uma especie de Confederação de Municipios, autonomos quanto á sua própria vida, mas intimamente ligados na vida comum nacional” (*idem*, p. 25).

De acordo com as propostas contidas na Arte de Ser Português o presidente do Município seria, a um tempo, o representante da Pátria, pois “o interesse do Municipio e o do Paiz encontrariam n’ele um perfeito acôrdo, dos mais belos e patrioticos resultados” (PASCOAES, 1920, p. 62). O Chefe de Estado “seria eleito por bastantes annos e por todos os representantes dos Municipios, cujos presidentes reunidos annualmente, ora em Lisboa ora no Porto, deveriam constituir as Côrtes, com os presidentes de outras Associações (comerciaes, scientificas, operarias etc.), as quaes elegeriam e demitiriam os ministerios (*idem*, p. 60-61)”³⁰.

29 – “Ao homem escravo que, nas antigas côrtes, falava, rôsto a rôsto, ao Principe, expondo o seu pensamento, luctando victoriosamente pelo seu querer, succede o cidadão livre, que só vê e ouve pelos olhos e pelos ouvidos d’um certo quidam superior... em manhas. A liberdade do escravo transformou-se na escravidão do homem livre. O nome substituiu-se á propria cousa nomeada. A letra matou o espirito.

E eis ahi um Povo desvirtuado na sua essencia, anemizado na sua intima fôrça creadora, soffrendo, emfim, da alma, que é o peor dos males.

Felizmente, tal doença não se propagou ainda ás populações ruraes. Lavra, sobre tudo, nas cidades” (PASCOAES, 1920, p. 28-29).

30 – *Idem*, p. 60-61: O núcleo duro da proposta pascoalina quanto à eleição do chefe do Estado e à própria organização política da nação encontra-se n’A *Era Lusíada* (Duas Conferências), obra em que se lê: “O Chefe do Estado seria eleito por bastantes annos, e por todos os representantes dos municipios, cujos presidentes, reunidos annualmente, ora em Lisboa, ora no Porto, deveriam constituir as côrtes, as quaes elegeriam o Ministerio. Às tres entidades, Chefe do Estado, Ministerio e Côrtes, competeria o governo da Nação” (cf. PASCOAES, 1920, p. 24-25).

Encontrando-se entre o *pater* e a Pátria, dois seres *espirituais*, o Município não o é, na medida em que carece de dois atributos: “A consagração e a beleza ideal” (PASCOAES, 1920, p. 65). É no Município que se promove e se desenvolve a vida política da localidade, entendida numa acepção que deseja recuperar, ainda que de maneira implícita, alguma da dinâmica helénica da vida na *polis*.

Estas propostas são tanto mais difíceis de concretizar quanto é o próprio Pascoaes quem nos diz que “o português prefere ser escravo, dizendo-se livre, do que ser livre com o nome de escravo. A palavra é tudo para êle. Tudo: o Pão, Deus, o Amôr” (PASCOAES, 1923, p. 14-15), dado que “a palavra bem educada e bem vestida, sem uma ideia na cabeça, eis aí a sua deusa, a Vénus dêstes romanos falsificados pelos Negros da Guiné” (*idem*, p. 15).

Deve referir-se que Pascoaes concede pouca relevância ao modelo de Estado a ser adoptado para Portugal, seja ele “republicano” ou “monárquico” (PASCOAES, 1920, p. 62-63). Importa, isso sim, ter presente esta premissa: enquanto patriota, munícipe e chefe de família, “o português não seria ‘correligionario’ e não ligaria grande importancia ás formas de governo que nada representam por si” (*idem*, p. 62), porquanto para este português ideal, “Portugal é tudo” (*idem*, p. 63). É com este português que surgirá o *bom político*, que é *um enviado da raça*³¹.

31 – Este, que, por “intimo processo biologico historico que, em certos momentos da vida d’um Povo, encarna e condensa, n’um ou em alguns individuos, as suas aspirações que, dessa maneira, se realisam e engrandecem ou ganham mesmo novas modalidades superiores” (PASCOAES, 1920, p. 67, n. 1).

Cabe afirmar que o Portugal político em que Pascoaes pensa é um Portugal participado, no qual, no entanto, não cabe a plebe. Esta, recorde-se, “só é cruel por paixão, não por cálculo. Não é política; e, por tal motivo, é que há políticos” (PASCOAES, 1940, p. 330). Entrementes, quer em *Santo Agostinho (Comentários)* e em *Napoleão*, quer numa entrevista concedida ao *Diário de Lisboa*, Pascoaes optará explicitamente pela democracia. Em *Santo Agostinho (Comentários)*, o autor diz-nos que “a democracia, aliada ao trabalho, à justiça económica e à liberdade filosófica, é o regimen mais humano. Tem a sua raiz na vaidade, a nossa propria substancia. Que sômos nós senão vaidade? Oh, a formosa dama!” (PASCOAES, 1945, p. 252). Ao estabelecer, em *Napoleão*, o desejo de cada um de nós ser, ou herói, ou santo, o autor explicita: “Alcançar a grandeza é o sonho heroico do homem, como o seu sonho religioso é alcançar a imortalidade” (PASCOAES, 1940, p. 33). Todos nós “formamos um conjunto de superioridades, que mutuamente se atenuam. A soma de superioridades dá a mediania, a boa democracia. Outrora, o nosso valor manifestava-se, em Cristo, depois da morte. À alma imortalizada, além da terra, sucede a alma libertada, sôbre a terra, como à religião do primeiro século a filosofia do século XVIII. Se o cristianismo imortalizou as almas, a revolução francesa libertou-as” (*idem*).

As declarações de Pascoaes ao *Diário de Lisboa*, um apoio à candidatura do general Norton de Matos à Presidência da República, constituem uma crítica explícita ao Estado Novo. Preocupado com a prática política, o autor diz ao enviado a Ga-tão que, em Portugal, necessitamos “duma certa desordem na

ordem, a respiração do ar, em Abril, que fecunda as plantas e o bater das asas que andam a construir os ninhos” (ANON., *Diário de Lisboa*, Lisboa, Ano 28, n.º 9.396, 25.I.1949, p. 2)³². Temos, pois, para Pascoaes, que “desta certa desordem ou liberdade deriva a liberdade política, a formação de vários partidos simbólicos de vários ideais políticos dignos de existir e colaborar no Governo dum país. Um unico partido legal tem uma existência passiva e infecunda” (*idem*).

Considerações finais

O presente de Portugal, que Pascoaes viveu, se não era acalentador, permitiu-lhe acalentar o propósito de reanimar o quer e o actuar nacionais, guiado pela saudade, formulada a partir de Duarte Nunes de Leão como *desejo* e *lembrança*, e pelo sebastianismo, crença na valia geradora da obra do rei-menino. A intelecção da doutrina pascoalina acerca do saudosismo aposta, de maneira arrojada, na potenciação da ideia, junto dos portugueses, da protagonização de uma missão genuinamente nacional – as Descobertas –, que teria de cumprir-se na esfera espiritual. Levar Portugal ao mundo, fazendo do mundo uma realidade concebida à luz do universalismo português, parece ter sido o mote que orientou, de maneira coerente, o trabalho de Pascoaes.

As concepções de Pascoaes, acerca do mundo e da vida, parecem colidir, de maneira inequívoca, com a *ausência global*

32 – ANON., “Fui Sempre pela Liberdade e Acima de Tudo e de Todos Ponho o meu Ideal Humano – Diz o Grande Poeta Teixeira de Pascoais” (*Diário de Lisboa*, Lisboa, Ano 28, n.º 9.396, 25.I.1949, p. 2).

de fundamentos e a uniformidade que presidem à construção de uma Europa que, hoje, pretende fundar-se nos escombros das Pátrias. O *ab-grund* em que se fundamenta a pós-modernidade mais não é do que a negação da raiz fundante da saudade: aquilo que, enquanto pessoas, famílias e comunidade fomos para, um dia, podermos vir a ser. Deste modo, num mundo com valores à deriva, despojados do horizonte de sentido, parece que, aos seres humanos – tanto do Hemisfério Norte, quanto do Hemisfério Sul – só resta existir na dimensão do *carpe diem*.

Teixeira de Pascoaes afirmou-se com voz própria, sem temer doutrinas ou, sequer, o pensamento dominante. As suas reflexões foram sérias, profundamente sérias, numa inspiração direta dos Romanos da República. É, pois, o seu pensamento o pensamento de um ser humano livre que não pretendeu formar escola. A alegria espantosa, manifesta no exemplo de vida e nos textos que nos legou, permanece disponível a quantos quiserem aproximar-se dela.

Ainda assim cabe uma pergunta: são as propostas de índole político-social, de Pascoaes, tecidas para Portugal, utopia e nada mais do que utopia, isto é, algo sem força anímica para se impor no plano real? Ouçamos o vate amarantino proferir um “grito da alma iberica, da Alma” (PASCOAES, 1945, p. 99), escrito no dealbar da sua produção poética. Ele é inequívoco quanto às potencialidades que o plano do sonho tem para fecundar o plano do real, fazendo de Portugal um país de feição única:

É preciso rezar, cantar e trabalhar;
Ter esta força de alma e de certeza
Que esculpe em bronze de harmonia
A nossa espiritual fisionomia
E nos leva a encarar, sem medo, a negra Morte!
Sim: é preciso crer. Acreditai!
O peso bruto, a inércia dominai!
Erguei, cantando e orando, a voz!
Vencei a triste Sorte,
Invisível espectro, além de nós (...)³³.

33 — Jacinto do Prado Coelho apresenta a variante: “Na terceira edição, em epígrafe (PASCOAES, Sempre, OC, I, p. 213-215):

‘Em tudo, em tudo, existe a Eternidade,
Numa lágrima existe a nossa Redenção.
Acreditai até no que não há,
E esse impossível, esse nada existirá...
É o mesmo que chegar a Deus acreditar...
O que custa chegar a Deus, se Deus é ali...
Acreditai! Acreditai! (Da 1.^a edição)’”.

Referências

- ANON., “Fui Sempre pela Liberdade e Acima de Tudo e de Todos Ponho o meu Ideal Humano – Diz o Grande Poeta Teixeira de Pascoais”, *Diário de Lisboa*. Lisboa, Ano 28, n.º 9.396, 25.I.1949, p. 1-2.
- BRUNO, Sampaio. *Os Modernos Publicistas Portugueses*. Porto: Chardron, 1906.
- DOMINGUES, Joaquim. “Visão Messiânica do Advento da República”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Tomo XLVI, Fasc. 4, X-XII.1990, p. 479-512.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. 6 ed., Lisboa: Palas, 1981, Vol. III (*Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*).
- PASCOAES, Teixeira de. Sempre, in *Obras Completas*. Amadora: Bertrand, s. d., Vol. I, p. 113-215.
- PASCOAES, Teixeira de. “Renascença”, *A Águia*. Porto, 2.ª Série, Vol. I, n.º 1, 1912a.
- PASCOAES, Teixeira de. “Renascença (O Espírito da Nossa Raça)”, *A Águia*. Porto, 2.ª Série, Vol. I, n.º 1, 1912b.
- PASCOAES, Teixeira de. *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*. Porto: Renascença Portuguesa, 1912c.
- PASCOAES, Teixeira de. Regresso ao Paraíso, in *Obras Completas*. Amadora, Bertrand, 1973, Vol. IV, p. 7-197.
- PASCOAES, Teixeira de. *O Gênio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa*. Porto: Renascença Portuguesa, 1913.
- PASCOAES, Teixeira de. *A Era Lusíada* (Duas Conferências). Porto: Renascença Portuguesa, 1914.
- PASCOAES, Teixeira de. A Beira (Num Relâmpago), in *Obras Completas*. Amadora: Bertrand, 1975, Vol. X, p. 7-110.
- PASCOAES, Teixeira de. *Os Poetas Lusíadas*. Porto: Costa Carregal, 1919.

- PASCOAES, Teixeira de. *A Arte de Ser Português*. 2.^a ed., Porto: Renascença Portuguesa, 1920.
- PASCOAES, Teixeira de. O Bailado, *in Obras Completas*. Amadora: Bertrand, 1973, Vol. VIII.
- PASCOAES, Teixeira de. “Oração Sebastianista”, *A Águia*. Porto, 3.^a Série, Vol. I, 1922, *in Obras Completas*. Amadora: Bertrand, s. d., Vol. VI, p. 198.
- PASCOAES, Teixeira de. *A Nossa Fome* (Publicação Mensal). Porto: Renascença Portuguesa, 1923.
- PASCOAES, Teixeira de. Cânticos, *in Obras Completas*. Amadora: Bertrand, s. d., Vol. V, p. 147-217.
- PASCOAES, Teixeira de. Livro de Memórias, *in Obras Completas*. Amadora: Bertrand, s. d., Vol. VII, p. 55-277.
- PASCOAES, Teixeira de. São Paulo. Porto: Tavares Martins, 1934.
- PASCOAES, Teixeira de. Napoleão. Porto: Tavares Martins, 1940.
- PASCOAES, Teixeira de. *O Penitente* (Camilo Castelo Branco). Porto: Latina, 1942.
- PASCOAES, Teixeira de. *Santo Agostinho* (Comentários). Porto: Civilização, 1945.
- PASCOAES, Teixeira de. O Empecido. Novela, *in Obras Completas*, Amadora: Bertrand, 1975, Vol. XI, p. 7-304.
- PASCOAES, Teixeira de. *A Minha Cartilha*. Figueira da Foz: Cruz & Cardoso, 1954.
- PLUMB, J. H. Introdução, *in* BOXER, Charles Ralph. *O Império Colonial Português*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- SAMPAIO, José Salvado. *O Ensino Primário* (1911-1969). Contribuição Monográfica. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência – Centro de Investigação Pedagógica, 1975, Vol. I (1.^o Período. 1911-1926).
- SÉRGIO, António. “O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal” [Conferência proferida em Coimbra, 1926], *in*

Joé Manuel de Barros Dias

Obras Completas (Ensaaios). 2 ed., Lisboa: Sá da Costa, 1977, Tomo II.

VITORINO MAGALHÃES GODINHO. *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*. 2 ed., Lisboa: Arcádia, 1975.



Teixeira de Pascoaes' Political View

Abstract: This article aims at analysing the singularity of Teixeira de Pascoaes, and his thought, concerning Portugal and its future, giving special attention to the First Portuguese Republic (1910-1926). Pascoaes projected the “Doutrinação da Saudade”, a singular understanding in the realm of Portuguese Philosophy.

Keywords: Teixeira de Pascoaes – First Republic – Portugal – Sebastianism – Saudosism